

bruno  
crispim

da  
morte  
sua



## 001

Todos já se foram. Sobramos eu e minha irmã sentados em grama recente. E sobrou você. Trancada em uma caixa de luxo. De cerejeira com as seis alças de cobre, me disseram. Coberta por uma tonelada de terra, lírios e sementes. Te querem jardim. Te querem monumento. Eu te quero viva. Nada mais.

Estamos os três sozinhos. A multidão de *sinto muito e o tempo cura tudo* se foi. Levaram com eles as respiradas fundas, os abraços moles e os violentos, as promessas porosas, os choros rasgados. Daqueles que duvidam de meus olhos secos.

Alice chegou depois. Quase não tinha mais ninguém. Nossos pais e meia dúzia de amigos. Eu cheguei cedo demais. Você, Bibi, não deveria nem ter vindo. Agora, está sozinha para sempre. Eu ainda mais.

Alice bate a garrafa no meu ombro. Pego e submerjo em um gole largo sem me desprender dos olhos fundos do anjo de pedra que sua mãe colocou atrás da lápide. É sua barganha com Deus. *Olha, olha, meu Senhor. Veja como ela é um anjo. Está prontinha. Leva ela pro Céu.* É vaidade também. Uma insígnia do orgulho que tem de você. Do

tanto que você conquistou. De todo o resto que viria. Certeza que viria. Os egípcios antigos gostariam de ambos os motivos. A prece e a opulência. O lado afetivo de uma demonstração de poder. O que a cristandade da sua mãe diria sobre isso?

Sua mãe convenceu um escultor chegado às socialites do Leblon a atrasar encomendas e converter uma peça quase pronta. Entregou no dia seguinte o querubim de mármore preto com asas e auréola douradas. Grande. Reluzente. Caro. Desnecessário. Um remendo quase invisível no pescoço e exatos cento e sessenta e nove centímetros. A sua altura.

Me incomodou que falte à face pétrea, delicadamente redesenhada em sua homenagem, o calor de seus olhos castanhos. O marrom profundo, oscilante à mais branda luz. A autoridade irreverente de quem nasceu sabendo demais.

Não, eu não reclamei com ela. Nem intervim. Calei numa distância desconfortável. Perto demais. Mais afastado do que devia. Pés enraizados para não sair em disparate para abraçar a carne gelada da pedra quente.

## 002

Com o uísque pela metade, Alice se levanta. Pega uma flor pequena do buquê que abraçava. Outro lírio. Caminha até a sua lápide. Beija a flor de olhos fechados em uma prece rápida, dócil. Arremessa em cima da terra que te cobre. Escolhe outra flor e repete a cerimônia. Até o fim do ramalhete.

Se vira com bochechas percorridas. Sobrancelhas mais atormentadas que a boca entreaberta. Joga a garrafa para mim. *Eu sei que é difícil, mas você precisa se despedir.*

Não respondo. Bebo. Golada grande. Para dissolver a sugestão em ácido ébrio. Para afogar suas boas intenções.

O efeito é inverso, Bibi. As palavras retinem. Despedir. Desistir. Esquecer. Seguir. Seguir em frente. Te enterrar. Me deixar ser expulso do seu lado. Do seu leito-morte.

Permiti que me empurrassem para fora enquanto você esticava a mão. *Fica, Igor. Por favor, fica. Não me deixa sozinha aqui.* Você me disse com olhos feridos de medo. Numa pavorosa súplica sem som.

Me calei anteontem, me calo hoje também. Nenhuma flor branca jogada em terra revirada muda qualquer coisa. Essa culpa não se dissolve em álcool.

## 003

Eu tinha dezesseis anos quando te enxerguei de verdade, Bibi. Você orbitava a minha vida fazia oito meses. Eu, já obtuso, não reparava na colega de classe de Alice. A menina da sala do lado que estava sempre com a minha irmã mais nova. A filha única da dona da escola. Não te notava no curso de inglês, nem nas idas à praia. Nos passeios de bicicleta, nos almoços na lanchonete da escola. Não te via sempre do meu lado. Se você não marchasse por aquela quadra de futebol, interrompendo meu treino solitário com um desafio atrevido, eu continuaria afogado na minha ignorância.

Você passou pelo portão. Passos largos, preguiçosos. Uma segunda bola debaixo do braço. Cara de quem não pode ser atingida nem por Deus. Aquela certeza maciça que só a adolescência nos oferece – e que eu nunca aceitei.

Eu vinha correndo. Acompanhando você, sem perceber que olhava. O resto do corpo focado na bola à frente. Preparando um chute forte no gol. Bem na sua direção.

Seu sorriso se desfez quando viu minha perna descer em velocidade. Meu chute era famoso na escola. Potente e certo. Você sabia disso. A bola podia te machucar. Eu sabia disso.

Contorci o corpo no último instante. Errei o gol. A bola passou rente à trave, por um furo na grade. Minha irmã, Lari e outras duas meninas estavam sentadas ali. De frente para mim. A poucos centímetros do buraco. O estouro da bola na parede interrompeu a conversa. Assustou as meninas. Você sorriu. *Mirolho dos infernos*. Fez ecoar. Só minha irmã riu. Gargalhou. *Treina tanto e continua o pereba de sempre*.

## 004

Outros vieram saber o que era aquele alvoroço na hora da saída. Uns quinze, vinte alunos. O grito de *pereba* foi repetido por todas as bocas. Alice grasnava, abraçada com os garotos que vinham sendo rejeitados por você e com as meninas que eram ignoradas por mim. Viraram uma torcida organizada. Aproveitavam para me agredir, agora que o momento era propício.

Toda essa atenção me obrigou a te encarar. Você balançando a cabeça e os ombros. Mordendo os lábios de olhos fechados. Dançando em comemoração. Fazendo chacota de mim. Meu rosto queimou de vergonha e eu me resenti. Te odiei pela eternidade de duas respiradas. Meu punho se fechou e eu quis fugir. Correr para poder chorar. Mas homens de verdade não choram. Se tiverem que chorar, não há de ser em público.

Eu me espantei com a sua crueldade, Bibi. Em ser o seu alvo. Por que me agredir sem qualquer propósito? Seria o troco por algum crime meu?

E por que eu me deixei ferir tanto com aquela brincadeira sua?

Tudo é óbvio, agora. O sentimento já existia. Era uma coisa disforme, ainda. Mas corpulenta. E eu o empurrava para baixo com toda a força, para impedir que ele viesse à tona e me obrigasse a considerá-lo.

Foi quando percebi que seu riso era diferente do da pequena multidão. Não era agressão. Não era vingança. Era intimidade. Você era a única pessoa que estava em quadra comigo e estava satisfeita. Me colocar no centro das atenções foi um passo importante de uma jogada que eu não pude inferir.

Você se posicionou na minha frente. Jogou a bola para cima. Fez quatro embaixadinhas e, antes de ela tocar no chão, chutou a bola para mim. Flexionou os joelhos e abriu bem os braços. *Ei, pereba. Duvido você fazer um gol em mim.*

Deixei a bola no meio da quadra e andei para trás. Olhei para o ângulo direito, mas o seu sorriso me capturou. Você estava radiante e não entendi a razão. Fui contaminado pela sua alegria mesmo assim.

Ela foi breve. Atrás do gol, mais gente tinha chegado, mais gente guinchava, mais gente me ofendia. Cometi o erro de me deixar levar pelos xingamentos da sua torcida. Fui corroído pela raiva. Preparado para te entregar todo o meu chute. Você recuou para dentro da linha do gol. Apavorada com a bicuda mais potente da nossa pequena escola.

Te causar medo me desarmou. Desacelerou a corrida. Eu tirei o pé e bati embaixo da bola. Ela subiu rápido e foi caindo devagar. Alta e fácil de pegar.

Você pulou e a encaixou entre braços. Como uma goleira experiente. Sem dizer nada, colocou a bola no chão e chutou. Me encobriu em um gol calculado.

Resisti enquanto pude. Mas sua piscadela arrancou o meu primeiro riso. A torcida explodiu de felicidade. Dessa vez, eu acompanhei.

*Um a zero.* Declarou, cheia de si. Levantou os ombros e estendeu a palma das mãos com a falsa modéstia de quem diz *que sorte a minha*.

Acho que foi nesse instante que você deixou de ser apenas a amiga da minha irmã. A fedelha que passava fins de semana, férias e feriados lá em casa. Você atravessou o meu desinteresse pela turba de gente comum e se tornou minha amiga primeiro. Meu espírito velho encontrou seu espírito sagaz. E esse foi início de um amor robusto.

De minha parte, ao menos.

Fui saber uns meses depois que você escolheu o momento certo para entrar na quadra. Quando eu já estava concentrado nos chutes e entediado com o exercício. Supôs que ia atrair meus olhos. Convenceu as amigas a esperarem seus pais perto do buraco. Viu que eu o acertava quase todo dia. Aceitou os riscos, preparou a ocasião.

Pegou emprestados o arco e a flecha do cupido. Eu no centro do alvo. Uma corça ingênua, feliz.

## 005

Você precisa se despedir.

Você precisa se despedir.

Você precisa se despedir. Você precisa se despedir.

Você precisa se despedir.

Você precisa se despedir.

## 006

*Eu não tenho que fazer nada, Alice. Grito. Minha irmã para. Se assusta. Não há outro som além do encontro entre o gotejar das folhas com o ranger de eventuais pneus contra o asfalto molhado. Eu não vou me despedir de Bibi. Nunca. Nun-ca!*

O alvoroço chama a atenção do zelador do cemitério. Ele se aproxima a marcha firme. Chop-chop da bota na grama encharcada. Choveu, pelo que parece, e não foi o suficiente. Eu o espanto com um olhar-convite. *Vem pra cá, vem. Vem tentar a sorte. Vem e ginga essa sua enxada. Tenta me acertar, vai.*

Mas ele sabe ler o ambiente. Acena para se fazer visto e volta. Faz esse favor a nós dois. Não sou seu primeiro viúvo desolado, nem o pior. Um pai desconsolado é ainda um nível além. Não há limites para a penúria da gente humana. Nunca houve, nunca haverá.

O desalento soterra a voz e me calo para a lua cheia. Me calo para o sol ausente. Para o céu sem nuvens, sem escrúpulos. Choveram e

foram-se embora. Um céu bonito demais para uma noite de tragédia. Tremo em silêncio tempestuoso comigo mesmo, com os médicos e com Deus. Com os tais amigos e familiares e seus votos de conforto. Só a minha irmã está do meu lado para ouvir o eco dos urros mudos pelas montanhas lá atrás.

Esse ódio maciço do mundo vaza pelos pulmões. Racha a casca que me mantém inteiro. Leva consigo a força dos meus joelhos, a inércia dos meus olhos. Os dentes tremem. Caio de quatro na terra. Aos seus pés mais esta vez. Essa é a reverência que posso te oferecer.

## 007

Seu velório foi lindo, Bibi.

Sua mãe cuidou de tudo. Arranjou uma infinidade de flores. Muitas dúzias. Uma para cada convidado que apareceu e outras tantas para você. Para serem enterradas em seus braços.

Lírios brancos. Todas, lírios brancos. Suas flores preferidas.

Não sei como ela lembrou. Nem vim de preto. Eu nem me lembrei de chorar.

## 008

Assim que o seu corpo chegou, ainda de manhã, me colocaram em uma cadeira. Meu pai e João, a mando da sua mãe. Com medo do torpor. Das costas bamboleantes. Com pavor dos dentes trincados. Do quarto

de sorriso. Uma careta que se propõe apaziguar e intimida. Da falta de piscadas. Dos olhos secos. Tão secos.

Agradei a preocupação e me levantei. Agradei em resmungos. Não estava irritado, como imaginam. Desaprendi a falar. A boca só range. Minha energia está dedicada ao reencher dos pulmões. Cheios e vazios. Outra vez. E mais uma. Capturar e libertar. Forçá-los a trabalhar.

Queria aloprar, Bibi. Te tirar do caixão e me deitar no seu colo. Falar para a mamãe mandar todo mundo embora. Nos deixar sozinhos. Pedir que você me garanta que tudo vai ficar bem. Seu otimismo quebrando meu pessimismo nas ondas murmuradas de uma canção que sempre esqueço. Só mais esta vez, encarar os seus olhos castanhos e sorrir. Sorrir e chorar. Acreditar.

## 009

Meu pai me olha de cara estreita. Vira o rosto na diagonal. Sobrancelhas arqueadas, repreendendo. Me lembrando que *a vida é assim*. Ela dói e o homem direito segue em frente. A existência fatia a gente com suas tragédias. Derruba e destrói entre um punhado de risos salpicados. Um homem firme deve reagir aos tombos até que Deus venha cobrar-lhe a vida.

Sua mãe assentiu, aborrecida. Preocupada em mostrar aos outros que está bem – que estamos bem. Inabalável, mesmo na morte de sua filha. Filha única que jurou ser a razão de sua existência.

Os dois farsantes ignoraram a obviedade de seus olhos doloridos, vermelhos, ocos, mal tapados com lentes escuras, já absolutamente

chorados. Esconderam em preces as mãos tremeluzentes. As pernas bruxuleantes. O abraço apoiado em gente que se esforça para sustentar.

Belisco a coxa e mordo os lábios. Para fugir desse pacto árido. Reclamar as minhas lágrimas. Quero desespero. Todo o desespero que você merece, Bibi. Soluços e berros. Violência! Quebrar a simetria dos vasos distribuídos pelo caminho. Vasos de lírios. Os malditos lírios brancos. Decapitar sua estátua. Derrubar seu caixão. Te pegar no colo e te levar embora. Te embalsamar em um caixão de cristal. Roubar uma faca e ameaçar quem chegar perto. *Ninguém vai enterrar a minha Bibi.*

Perna e boca guincham ao mesmo tempo. Nada muda. Sangue molha os dentes, escorre pelo canto da boca. São as únicas lágrimas que tenho para te honrar.

Será que eu não te amo a ponto de chorar? Toda essa chama que me queima por dentro dos ossos é uma farsa?

Esse é o tipo de criatura que eu sou. Metade babuíno, metade neandertal. Preso no papel que gente obtusa me ensinou a representar.

## 010

Quando vó Chica morreu, meu pai assistia a uma partida de futebol. Assistia pelo vício. Seu time não estava em campo. Não era um jogo importante. Ele e Alice estirados no sofá. Ela tinha uns treze anos e ainda era o xodó do pai. Eu reparava nos dois de longe. Da mesa da sala. Fingindo fazer o dever de matemática. Sem querer atrapalhar.

Os três ouviram os soluços da minha mãe se esgarçando por sobre a voz dissimulada do narrador. Ela conversava ao telefone com tia Ana, a acompanhante do dia de vovó, que estava internada fazia dois meses.

Nós sabíamos que o estado dela era delicado, irreversível. Gripe que evoluiu para pneumonia e então para infecção generalizada.

Eu vinha tendo pesadelos recorrentes com a morte dela. Quando os gemidos vieram, soube o que tinha acontecido e quis me trancar nos deveres de casa. Minha irmã soube também. Se encolheu já chorando no colo do pai.

Minha mãe pediu pro pai desligar a televisão. Chamou ele para o quarto. Ele aumentou o volume no máximo e ligou o *home theater* até não ouvir nem o choro da minha mãe, nem o da minha irmã. Quando mamãe parou na frente da TV, ele reclamou. *Ah, não! Olha o jogo, Voninha.* Quando ela desligou o aparelho, ele fechou os olhos e tampou os ouvidos.

*Carlos, a sua mãe...*

*Não fala.* Disse com voz baixa, doída. Antes de pular do sofá e correr para fora de casa. Foi e deu meia-volta. Entrou com dedo em riste, tentando esbravejar. A voz não saiu. Olhou para o indicador, desapontado por lhe faltar munição. Atravessou a sala e se trancou no quarto para que não vissemos seus olhos molhados. Antes, me olhou com raiva. Ligou a televisão de lá no máximo e ficou trancafiado até depois de irmos dormir.

Minha mãe ficou presa do lado de fora. Bateu e bateu até desistir. Só bem tarde dormiu na minha cama. Passou a noite repassando a notícia para a família. Cuidando do funeral.

O pai não foi ao enterro. Quando chegamos, ele via um jogo de basquete, depois mudou para vôlei e tênis. Latas de cerveja amassadas pelo chão. Bêbado, mas quieto. Quietos como nunca estivei.

Ele não falou mais da própria mãe. Minha avó virou um assunto proibido. Chorar também. Se alguém ignorasse essas regras, ele saía de

casa e voltava muito bêbado. Passava por nós sem dizer um *oi* e se jogava na cama para dormir sozinho.

Eu e Alice ouvíamos os soluços dele de madrugada. Minha mãe se doía do colchonete que instalou no nosso quarto. Mas não conversamos sobre isso. Elas elaboravam formas de ajudá-lo sem que ele percebesse. Eu não. Estive ocupado em aprender a manter as lágrimas cativas.

Foi assim até que, um dia, como um clique, ele estava inteiro de novo. Nos surpreendeu com uma cesta de café da manhã. Foi o primeiro a acordar e preparou a mesa. Seu pedido de desculpas e seu muito obrigado. O louco sorria. Nós sorríamos do jeito que dava.

Quando terminamos, se sentou no sofá e manteve a TV desligada. Nos chamou segurando um bolo de fotos recentes. Todas da nossa última viagem com vovó. Alugamos uma casa em Teresópolis uns sete meses antes. Nós na frente da churrasqueira. Os dois abraçados em frente à lareira. Ele erguendo a mãe nos braços. Ela brigando com ele por ter sido erguida. Eles rindo logo depois.

A última delas era o seu troféu. A imagem não era boa. Mal dava para ver uma pessoa de costas no breu. Ele nos contou que vovó acordou quatro e meia da manhã. Estava tudo escuro quando ela colocou o maiô e entrou na piscina. *Um frio do cão e ela nadando. Sua avó tem uma saúde de ferro.* Ele disse, assim, no presente.

Essa é a pessoa que me ensinou as coisas de homem. Não se demonstra fraqueza. Não se arrega. Bater quando tem que bater. Ou apanhar sem reclamar. De cabeça erguida.

Ele me ensinou e eu aprendi.

## 011

A partir daquele dia na quadra, nossa disputa se tornou diária. Eu desempatei no instante em que a partida foi interrompida pelas três buzinas seguidas da sua mãe. Buzina, pausa de um segundo, buzina. Você ouviu na primeira e, se despedindo na segunda, se descuidou da defesa. A bola nem entrou no gol e você já estava invalidando o resultado. Em outra ocasião, eu não aceitaria o empate. Mas a terceira buzina soou e eu concordei com a revanche, escondendo o sorriso em uma careta.

Todos os dias, ao sinal do último tempo, você corria para buscar a bola e me encontrava segurando a nossa vez na quadra. Não podíamos impedir que outros jogassem, mas a primeira partida era nossa. Eu contra você. Cada disputa, uma aposta e uma nova revanche marcada.

Em uma dessas eu fui obrigado a te levar em casa na garupa da bicicleta. Se eu ganhasse, seria você quem me levaria para casa. Só que eu morava longe e o caminho margeava uma avenida movimentada. Seria perigoso e eu fiz questão de não fazer nenhum gol decisivo.

O problema foi que eu não sabia levar passageiro na garupa. Faltou equilíbrio. Faltou desenvoltura. Sobrou pânico de te derrubar no chão. Depois de duas tentativas, sugeri que fôssemos andando. Você insistiu que ia de carona. *Não vou dar nem mais um passo*. Propôs que eu te levasse nos braços. Minha cor mudou. De um amarelo envergonhado para um vermelho esganiçado.

A solução foi você se sentar no banco enquanto eu empurrava a bicicleta, andando do seu lado. O roçar do seu joelho no meu antebraço nos congelou em um silêncio tenso, quebrado por risos

engasgados e comentários breves sobre assuntos aleatórios. *Seus pais assinam algum jornal?* Você me perguntou, quando passamos por uma banca. *Qual é o seu biscoito preferido?* Perguntei, na frente de um supermercado.

Se eu conseguisse dar um passo para trás, ganhar alguma perspectiva para além das lentes do meu nervosismo, reconheceria que seus olhos vitoriosos tinham mais a ver com essa nova intimidade nossa do que com a sétima aposta seguida que você ganhava. Eu veria seus lábios acanhados se mordendo, sua voz alvoroçada em uma velocidade fora do comum. Eu ia perceber o conforto de um meio abraço que se propõe a equilibrar e aquece. O vaivém do seu polegar no meu trapézio. Um movimento lento, firme, ritmado. Escondendo sem muito esforço as microcarícias que ainda não conseguíamos confessar. Pelo menos, enxerguei a paz de seus olhos fechados, dançando a música que você dividia comigo pelo fone.

O que você vai escolher para fazer no vestibular? Não sei ainda... Você sabe o nome daquela música que tocaram ontem no intervalo? Ih, não. Qual é o seu maior sonho? Jogar futebol.

Nessa última, eu menti. Mesmo depois de tanto tempo eu ainda tenho vergonha. Eu nunca te contei que ser atleta era a minha segunda grande ambição. Meu verdadeiro sonho era encontrar a minha alma gêmea. Desde pequeno, queria achar essa pessoa e ficar com ela para sempre. Alguém com quem eu fosse me casar e ter família grande. Quatro ou cinco filhos. Em dia de igreja, durante o culto e, todos os dias, logo antes de dormir, eu me sentia próximo de Deus e reforçava o pedido de achar e conquistar a minha metade.

E ali estava você do meu lado e eu sem coragem para te contar minhas fantasias noturnas. Nessas, eu era destemido. Declarava esse amor que